



(Registrado no D.N.I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"  
— Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDADORES:

Redator-Chefe:  
**MAURÍCIO FANG**

Secretário:  
**WALTER BELDA**

Tesoureiro:  
**ERNESTO LIMA  
GONÇALVES**

Diretor — LAERTES FERRÃO

Ano XIV

SÃO PAULO — DEZEMBRO DE 1946

Núm. 48

## Doutorandos!

*A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo se veste de gala para dar as despedidas a mais uma turma de médicos.*

*Na imensidão destes brasis mais um punhado de jovens cheios de vontade, de sonhos belos, recebe a corôa de louros por uma grande vitória alcançada.*

*Mais médicos para o Brasil da tuberculose, para o Brasil da sífilis, para o Brasil da malária.*

*Quantas noites de vigília, quantas horas de angústia e sofrimento, quantos sacrifícios se vêm agora confundidos num passado ainda tão próximo.*

*Mais uma turma que parte para o combate à doença, armada com o que oito anos de anfiteatros, laboratórios e clínicas ensinaram.*

*Para vós, médicos que partís, voltam-se com esperança os olhos dos que ficam.*

*Voltam-se para vós, para em vosso exemplo de dedicação, em vosso amor ao próximo, em vosso amor à ciência e a honestidade buscar forças para atingir o que atingistes.*

*Voltam-se para vós na esperança de encontrar o início da revolução. A revolução contra a imoralidade, contra o charlatanismo, contra o esquecimento de que há séculos Hipócrates pregou.*

*Voltam-se para vós porque têm certeza de que procurareis sempre ser médicos, verdadeiros sacerdotes da medicina, não comerciantes de remédios e doenças.*

*Se escolhestes para parainfo esse que sempre lutou para elevar o nome da medicina, que sempre viu no médico o consolador — "medicus enim nihil aliud est quam animi consolatio" — é porque estais animados do mesmo ideal e por êle vencereis todos os obstáculos, todas as adversidades de que a vida é pródiga.*

*Que a vossa vida de médico seja sempre um hino de glória, seja uma sucessão infinita de vitórias para a medicina, e com ela para a humanidade.*

*Não vos esqueçais que milhões de brasileiros esperam por vós, pela vossa palavra de conforto, pela vossa arte de curar, pela vossa ciência infalível.*

*Partí, médicos de São Paulo.*

*Levai sempre, como estrela guiadora, a chama imorredoura do ideal sagrado que os anos nesta Faculdade, acenderam em vosso coração grande e generoso.*

*Levai o nosso adeus, os nossos mais sinceros desejos de vitória.*

*Partí para a vida, médicos de 1946!*

WALTER  
Dezembro de 1946!



# Aspectos do H. C.

## EXPEDIENTE

Director — Laertes Ferrão  
Redactor - Chefe — Maurício Fung

Secretário — Walter Beldi  
Tesoureiro — Ernesto Lima Gonçalves

### Redatores:

Uzzer Zejjik Dikstein  
Frederico A. Aba Cavalheiro  
Matinas Suzuki  
Manoel Munhoz  
Alvaro da Cunha Bastos  
Armando Botter Bernardi  
Orlando Góes  
Ademar Fiorillo  
Lisias Cerqueira do Amaral  
José Roberto Albuquerque Fortes  
João Penido Burnies Filho  
Remo Tellie

"O BISTURI" aceita colaborações dos colegas da nossa e de outras Faculdades. Os originais deverão ser escritos à máquina, espaço duplo, assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. Todos os redatores recebem colaborações.

O Conselho Redatorial não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos colaboradores e reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

## Coisas da Mac - Med

Seguindo com os olhos as pégadas das donas "boas" que passam, envolvidas nas suas vestes diáfanas das tardes mornas, eu procuro distrair a minha consciência do calor que reina na repleta e abafada quadra de tenís.

Os garotos do Mackenzie são ervas daninhas infiltradas entre as flores — algumas belas como a rosa desabrochada na orvalhada do alvorecer e capazes de provocar comichões nos espíritos schopenhauerianos, outras, passáveis como as margaridas, e enfim, couve-flores de perene feitura...

Multifário como a economia das formas e o colorido das vestes é o perfume que paira no ar que dormita encarcerado no Ginácio do Pacaembú e o cheiro de atleta é uma nota dissonante na orquestra da olfação.

Enfim, tem início a disputa e os meus escalenos entram em função para acompanhar a bola branca no seu vai e vem. A certa altura, volto a atenção para o baleiro — um italiano narigudo como Jimmy Durante — que se dirige para o Jamil.

— Parabens!

— Por que? — perguntou o nosso ilustre colega, entre surpresa e desconfiado e, sem conseguir evitar o contagioso aperto de mão.

— Por que? Ora essa, pela sua vitória frente o Gigante de Memel...

No pólo aquático, outra disputa que não é muito grata para nós os verde-branco, a nossa torcida estava de uma belicosidade à toda prova. Assim é que vimos o Renatinho — uma das belas figuras do atletismo ao lado do Funfas: — de quando em vez tapar ambos os ouvidos do Suzuki e bradar a plenos pulmões:

— Tokotai, hara-kiri até amanhã...

Ele se dirigia ao Kazuo, defensor do Mackenzie...

No intuito de dar um cunho mais animado às disputas da Mac-Med, inúmeras listas foram feitas para receber contribuições dos futuros médicos.

Só com foguetes e rojões se conseguiria supremacia sobre as gargantas — e quantas gargantas!... — da meninada do Mackenzie; e foi compreendendo este fato que os nossos colegas mostraram a melhor das disposições em darem voluntariamente os seus respectivos quinhões.

O resultado foi o que se viu!

Mas o que realmente eu desejo contar é outra coisa...

E' que o Inague vendo o Adashi contribuir com Cr\$ 5,00, achou de dar um palpitezinho, pois ele havia posto Cr\$ 10,00 na lista, e isso sem ser

Por fóra... é este gigante que assombra forasteiros de todos os recantos que percorrem superficialmente os seus amplos corredores ouvindo das autoridades que os acompanham os mais animadores dados estatísticos

Por dentro... é outra coisa. Aquelle que em vez de ouvir lorotas faroleiras, estagias na Sala da Maledicência, isto é, na sala de estar do Pronto Socorro, verá o que é, na verdade o H.C.. Aí sim, onde há liberdade de palavra e de crítica, médicos e estudantes comentam livremente; e então, após as depurações dos mais informados, os aspectos patológicos dos diversos órgãos do Hospital são fixados pelo dr. Bitencourt, nomeado chefe do Arquivo Privado.

A propósito lembramos aqui uma cena representada pelas alunas da Escola de Enfermagem num "show" levado a efeito no ano passado: e-la:

"Uma moça que queria estudar enfermagem em São Paulo, vinda de outras plagas destes nossos Brasis, desembarca no Aeroporto e carregando uma pesada mala chega por fim de frente ao portal majestoso do 5.º andar, por onde só entram e saem algumas majestades. Tira do bolso um prospecto de propaganda da Escola de Enfermagem, em cuja capa está impressa uma bela fotografia do H.C. em côres. A jovem, desolada, pousa os olhos na fotografia, olha o prédio, e, por fim, exclama: — Como é fotogênico!!!"

E a menina tinha razão, sem mesmo conhecer algo do que se passa "por dentro" Senão, vejamos:

**Divisão de ações** — Em vista do aumento do patrimônio do Hospital, com a conclusão das obras do Pavilhão de Ortopedia e Traumatologia do Instituto de Psiquiatria, as Irmãs Ferrarini, diretoras-gerentes disto tudo, convocaram uma reunião extraordinária, na qual estarão presentes mais duas das maiores acionistas, componentes das "Big-four" ou sejam, a dra. Lourdes e a srta. Nair, Pedantinha (apud. Plinius Candidus), digna chefe do Pessoal.

Soubemos por intermédio do dr. Telesio Perdigoto, assistente administrativo, que as mesmas farão tudo para nada sobrar aos médicos estudantes. Exageradas, não acham???

**Incêndio** — O dr. Anés Aguiar, conseguiu, há pouco instalar os aparelhos de apagar incêndio no Hospital. Parabens! E, não contente só com isso, mandou construir ao lado, uns compartimentos para depósito de inflamáveis, tais sejam, tijolos, cimento, cal, soro Raven (100% de pirogênio), etc... Esperamos para breve, providências no sentido de que os carrinhos do Serviço de Anestesia que andam perambulando pelo Hospital com torpedos de etileno e ciclopropana e os carrinhos de curativos com muito álcool e éter, também sejam retirados de circulação: (felizmente este últimos não têm benzina, há séculos, e por isso os pacientes têm saído sem uma parte de sua epiderme regional que fica aderente ao esparadrapo).

Dada a dificuldade de dar o toque de "recolher" a estes carrinhos, sugerimos que se apaguem os cigarros e charutos majestosos que iluminam os corredores do Hospital. (Exceção-se-iam desta proibição, naturalmente,

candidato, o que dá um cunho todo especial.

— Ora Adashi, deixe de ser "pão duro"... Dá mais.

Ao que o centro-avante revelação revelação retrucou à queima-buxa:

— Se o meu pai fosse "tubarão" como o seu, eu daria at' cincoenta...

os corredores da enfermaria de Urologia!).

**Picaretagem** — Encontrase em disputa o cetro de "picareta-mór", dois ilustres personagens: Um deles é o dr. Barbato que já tem vários bicos no Hospital, deixando por isso de ser estagiário, e que agora anda "flirtando" a Eletrocardiografia; Enquanto isto o dr. P. Correio, ilustre cirurgião da 3.ª C.C. anda acariciando o lugar de assistente do P.S.

Vamos ver quem atinge a méta mais depressa... (Tarimba e experiência não lhes faltam para realizarem uma contenda digna de ser assistida).

**Nota da Secção de Divulgação da Sala 4048** — Parece que o cetro enca-minhá-se mais para o jovem Correia que tem usado nas suas últimas campanhas de picaretagem a arma que Guttenberg inventou há já alguns séculos.

**Bastilha** — E' a residência dos médicos, ocupada presentemente e há três anos, provisoriamente, pelas assim chamadas enfermeiras-chefes do Hospital.

Ao assumir o comando dos médicos internos, o dr. Cardoso resolveu investir. Estas tentativas que foram as primeiras encetadas, encontraram grande resistência... Consta agora que se está organizando uma "marche aux flambeaux" para a conquista do reduto do 6.º andar.

Será que a Historia da Civilização terá que registrar mais uma "Tomada da Bastilha"?

**Centro Cirúrgico** — Ressurgiram as famigeradas, escovas referidas em artigo anterior deste jornal, embora menos duras. Consta que estiveram elas em estágio, por dois meses, em líquido ascético concentrado.

Veio-nos também, da Argentina mandada por uma enfermeira amiga (coisa rara!), uma "graxa espanhola" para a proteção da epiderme. Tal material é conhecido nos meios leigos pela alcunha de "Glostora"

**Nos bastidores do 4.º andar** — O Flávio já se acha sossegado, pois o prof. Godoy custou, porém chegou.

Logo depois, medidas de capital importância foram tomadas, tais sejam por exemplo, a permissão para o aumento da "risadinha crônica" do Wertheimer e a determinação no sentido de não mais se discutir sobre a eficiência da adrenalina oleosa no tratamento do choque (felizmente, o medicamento não foi empregado nenhuma vez, pois o prof. Godoy chegou em tempo, não é doutor, J.?).

**Transfusão de sangue** — Para a reorganização deste Serviço foram contratadas personagens importantes que já brilharam em outras tarefas, como Aparício de Melo (da Radiologia) e a dona Tracema (uma das "Ferrarini Sisters").

**Jequiti-Bar** — E' o novo refeitório isolado dos médicos internos e médicos e estudantes de plantão. Frequentam-no ainda como convidados eternos de honra, o dr. Perdigoto e o ddo. Aparício (figura quasi médica). O ambiente ali é fino, pensando mesmo alguns mais audaciosos, transformá-lo em "boite". Que maravilha! ficaria o internato no Hospital, não acham?

**Notas sociais** — Achase em festas o lar do Hospital das Clínicas com o advento de um robusto Chevrolet "Fleetmaster" 1946. O simpático pimpolho foi presenteado com uma chapa branca. Imenso foi o júbilo do dr. Perdigoto que assim poderá dar um certo descanso à Ambulância.

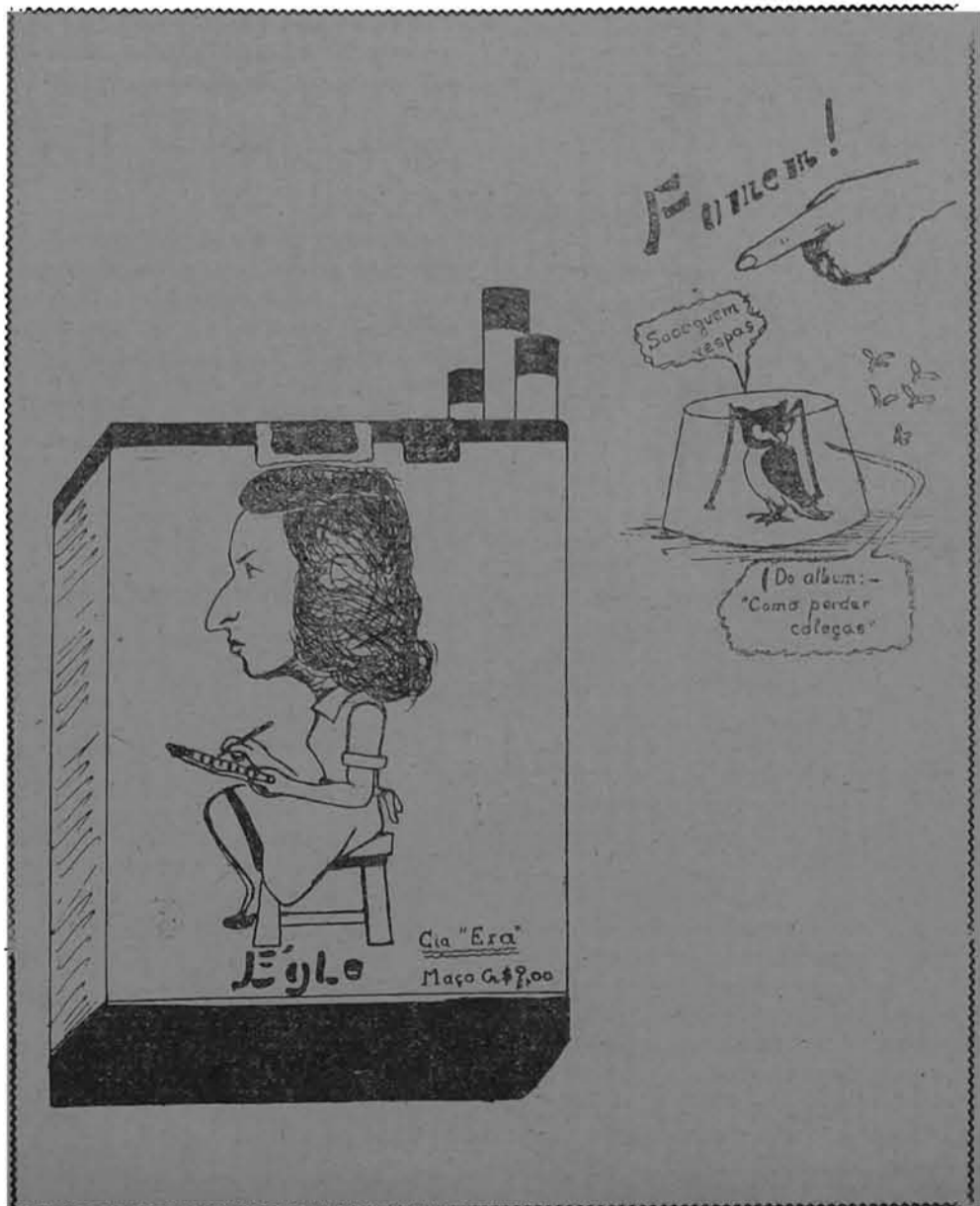
Aproveitamos o ensejo para cumprimentar d. Ferrarini por tão feliz quanto útil acontecimento.

**Sinonimia** — Há duas Clarisses no Hospital: uma, no 5.º andar, chefe da enfermagem e a outra no 2.º andar, secção de Dietética.

Azar daquela do 2.º andar, não acham?

**Nota** — Qualquer reclamação, é favor dirigir-se ao dr. Plínio, chefe da Organização de Defesa Física dos Médicos-Internos.

K. K





## PEDRA DO BAU

*Dedicado ao dr. Domingos José Nogueira  
Jaguaripe, o Baudeirante de Campos do Jordão*

Conglomerado imenso de granito,  
Titã na solidão jazendo imerso,  
Tens no infinito espaço do universo,  
Fiel sentido plástico de um grito!

Provinda do sub-solo de constrito,  
Movimento terraqueio mais diverso,  
Tornando o que era dantes submerso,  
O primeiro degrau para o infinito!

Sei que ante tua presença de gigante,  
Sou um ser fraco, insignificante;  
Gulliver comparado a uma criança.

Ah! Mas, si um dia em ti estiver pensando,  
Serás somente um átomo vibrando,  
Na trama neuronal de minha lembrança!

Campos do Jordão, dezembro 1946 REGIS NOGUEIRA

## ALVORADA

*Pairam no espaço toques de alvorada  
Enroltos em tristeza e melodia  
enquanto pela terra desolada  
a vida despertando principia.*

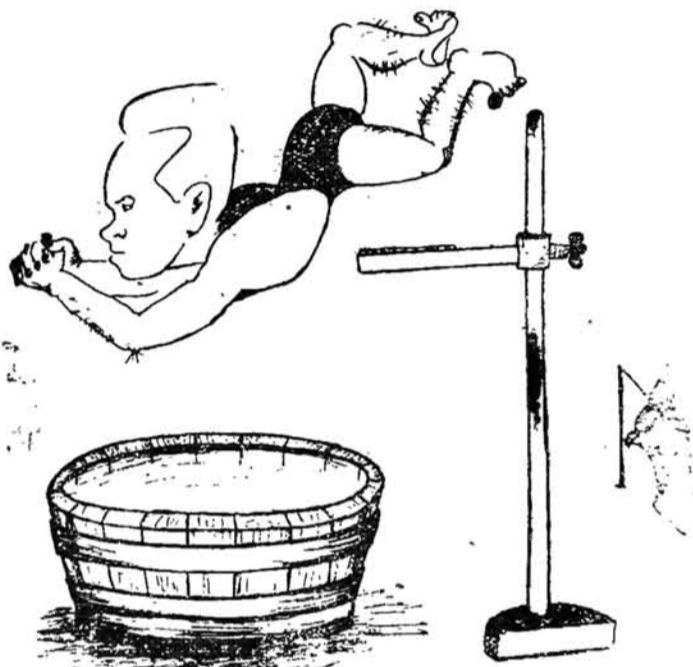
*É a hora indefinida e taciturna  
que a noite se desfaz em claridade  
e a fera cautelosa, deixa a furia...  
É a hora da esperança e da saudade.*

*E mescla-se o temor à confiança  
fugindo da noitada em curso lento  
o mal, que já se perde na lembrança.*

*Quem n'alma porém cala seu tormento  
repousa pelo céu olhar dolente,  
tudo contempla... e passa indiferente.*

TULIO MIRAGLIA

## Perfil de um nadador!



*Recortando o azul do espaço,  
Do trampolim, no último estrado,  
Joga a cabeça de cabelo escasso  
Em sensacional salto carpado!*

*A água se abre para o corpo receber  
E a multidão frenética aplaudia  
O corpo que se deixava entrever  
Dentro da água azul e fria.*

*A cabeça volta à tona enlouquecida  
Com o feminil aplauso da torcida,  
E o "amigo da onça", aqui no canto,*

*Berra, em tom de enlouquecer,  
Senhores! Pinduca quer dizer:  
Nadador Paulo David Branco.*

VAVA

## REMORSO!

*No silêncio frio da noite fria,  
Dolorosamente penetras meus ouvidos  
Eterna música ao longe.  
Ora em surdina, ora crescente  
Exasperas minha alma que chora...  
Música, eterna música ao longe,  
Quasi sussurrada,  
Recordas o romance proibido.  
Música,  
És a brisa do mar arrancando gemidos  
Das palmeiras na noite em que pecamos!  
Música eterna, donde vens?  
Vens da escuridão da noite  
Que lançava espumas brancas  
Na areia povoada de sombras estranhas?  
Vens do apito triste do navio  
Que a noite envolvia?  
Música,  
Eterna música ao longe,  
Vens do fundo do meu ser arrependido.  
Música,  
Vens do remorso do pecado cometido...*

WALTER

## LE SILENCE

*Seul le silence s'accroît  
dans l'Univers.*

*Qu'est-ce que l'infiniment petit devant l'Univers?  
Les hommes ne sont plus que quelques vers  
Qui se remuent au hasard dans cette poissière inconnue.  
Les autres sont beaucoup plus petits encore,  
Car ils ne font jamais leur pensée sonore  
Pour un écho de leur existence dans cet étendue.*

*— Voilà que je me suis tait et immobile comme les oiseaux;  
L'aigle colossal ou les petits passereaux, ...  
Quand la nature, d'un coup mortel, les abat.  
Comme ceux qui sont les sombres hôtes de la Terre  
Et qui souvent s'entre-tuent dans la guerre  
Et de Nul en Rien ils deviennent au combat.*

*Comme le fier loup qu'a la mort serre les dents  
Et de sa bouche on n'entend les gémissements  
Ni de souffrance, ni de douleur.  
Moi aussi, je préfère rester en silence  
Pendant le séjour dans la vallée immense  
Où l'on n'attend que du grand malheur.*

*Oh! foule que vous êtes terrible et épouvantable,  
Quoique vous n'êtes pas si redoutable  
Que la profondeur insondable de l'Infini!  
Vos tumultes, soient-ils joyeux ou funèbres,  
Toujours s'enroulent dans les ténèbres,  
Nul ne répond à votre cri.*

São Paulo, outubro, 1946.

FIDEL BITTAR



## Moral e caráter

— Ninguém desconhece a gravidade da situação em que estamos, seja pelos quinze anos de depressão moral, seja pela anêmia profunda em que se debate o mundo vítima da hemorragia violenta da guerra finda.

Todos nós sentimos que algo de novo está para acontecer. A volta à paz, ao progresso, é pedida com insistência. E, seguramente, será a mocidade quem desencadeará a guerra à injustiça, ao indiferentismo, à mentira.

Nos próprios bancos ginasiais já se nota o desejo de algo superior, a existência de um ideal nobre, a compreensão nítida da hora presente. Prova de que até a mocidade ginasiana já se manifesta é o presente trabalho de *Emílio Fontana*, terceiro anista do atual 1.º ciclo do Colégio Estadual Presidente Roosevelt, antigo Ginásio do Estado, lido há pouco tempo em reunião de associação representativa dos alunos daquele estabelecimento de ensino.

Na era atual a humanidade atravessa uma fase de grandes e graves problemas sociais. São eles claros e evidentes: a fraqueza de caráter e a decadência da moral.

Sim, moral e caráter, pois, nenhuma geração anterior sofreu tamanha crise social, de tão graves consequências e, que veio prejudicar o progresso dos bons princípios da humanidade.

Reconhecemos que, nas épocas anteriores, em que campeavam reis e imperadores, até monarcas absolutos, a imoralidade e a desonestidade eram menores relativamente aos dias que atravessamos de governos que se dizem democratas.

Atualmente entende-se por progresso tudo o que se pode conceber de má, menos o bom; progride a corrupção moral, progride a compra de homens e de opiniões pelo dinheiro, progride a desmencidade, enfim progride tudo que seja nocivo à sociedade, menos o que levaria a humanidade a rumos sãos.

Vemos exemplos em todos os recantos do mundo, citemos como exemplo mais seguro o nosso país, o Brasil, terra que teria um grande presente e um maior futuro se estivesse em mãos de homens honestos e capazes para os cargos que a nação lhes confiou.

Até hoje não tivemos governos realmente patriotas, isto é, que tivessem como objetivo o bem-estar e o progresso da nação, visaram sempre a posição e o poder unicamente.

Mas, a humanidade não pôde protestar contra tais indivíduos, pois todos são desonestos desde o humilde operário aos ocupantes dos altos cargos.

Uma das causas é o dinheiro, o vil metal que compra homens. Homens não, digo mal, sim animais, pois há indivíduos que vendem a própria pátria.

Desta forma é que surgem homens incapazes no governo, pois com o dinheiro ou pelo dinheiro dirigem a nação comprando e vendendo cargos. Isto até para o meio estudantil, para a sagrada parte educacional. Pergunto-vos: Houve por acaso um indivíduo no governo que se interessasse realmente pelos estudantes? "Não, nunca!", estão sempre a decretar leis descabidas que nos deixam a todo momento de cabelos em pé.

Pergunto-vos — "Isto é honestidade, firmeza de caráter, moral?"

Não! Devemos reagir. A reação virá se cada indivíduo de caráter firme e moral elevada, souber manter sua posição e, como exemplos, não com palavras, conduzir aos demais para o caminho dos bons princípios, para o caminho da justiça.

Assim um dia, teremos de fato bons chefes de governo e bons cidadãos, pois cada povo tem o governo que merece e, quando a humanidade for

## AS ELEIÇÕES DA DIRETORIA DO "C.A.O.C." E DO DEPARTAMENTO CIENTIFICO

Encerrada a intensa campanha de arregimentação, partidária, realizaram-se as eleições de 1946 para a renovação das Diretorias do "C.A.O.C." e do "D.C." pautadas sempre por moldes democráticos, dessa democracia rediviva no Brasil mas que é tanto da tradição desta Escola.

Tivemos o prazer de constatar este ano, uma maior atividade partidária por parte dos alunos, pois nada menos de quatro chapas concorreram e disputaram a diretoria do Centro, enquanto duas chapas e um candidato independente concorriam a presidência do Científico.

Este fato, aparentemente banal, deve ser encarado com satisfação plena, pois é o tácito coeficiente, do interesse demonstrado por nossos colegas, pelos fatos e pelas coisas que nos dizem respeito, pois que eles e elas, falam do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

A campanha que precedeu o pleito, decorreu em ambiente democrático e elevado, tão digno da Escola que frequentamos, como do "C.A.O.C." destacando-se evidentemente, o sistema de propaganda através de cartazes e de faixas.

No dia aprazado, às 8.30 horas, foi depositado o primeiro voto na urna, prosseguindo desde esse instante regularmente a votação, variando o afluxo de eleitores, com as horas convenientes, até às 16 horas, quando foi encerrada a votação, tudo nos termos do Regulamento.

Péfitas e terminadas as necessárias verificações, de votos e de assinaturas, na presença dos candidatos, foram fechadas as urnas e em seguida conduzidas ao anfiteatro da Medicina Legal, onde se processou a apuração.

Logo, ao serem apuradas as primeiras cédulas, surgiram os nomes dos prováveis vencedores do pleito, levada a vantagem inicial que foi sendo consolidada ao decorrer da apuração, mantiveram-se vitoriosos, ao final, os seguinte nomes:

- Presidente, Jorge Barifaldi Hirs.  
Vice-presidente, Paulo Homem de Melo.  
1.º secretário, Américo dos Santos.  
2.º secretário, André Cruz.  
1.º tesoureiro, Osvaldo Monteiro de Barros.  
2.º tesoureiro, Edmundo Zarzur.

Roberto Fortes

## INGRATIDÃO



*Quando vires, passar pela cidade,  
certa menina triste de um asilo,  
levando, em meigo olhar, a claridade  
que jaz nesse recinto ermo e tranquilo;*

*galhardo amigo — presta-lhe o respeito  
que merece a mulher mais bela e nobre,  
não comentes o pálido "sem jeito"  
daquela chita que seu corpo encobre.*

*Porque soluça, tenro e pequenino,  
dentro em seu peito, um coração maguado,  
envolto em lágrimas de um mal-me-quer;*

*— sozinha enfrenta o amargo do destino,  
encarcerando, puro e malogrado,  
o coração em flor de uma mulher.*

ROBERTO BRÓLIO

honesto e não corrompida terá bons e honestos dirigentes.

Há muito se canta a Democracia, doce palavra, hoje quase utópica, pois, sem homens honestos e de moral elevada não poderá existir. A Democracia se alicerça na honestidade e na justiça.

1.º orador, Alvaro da Cunha Bastos.  
2.º orador, Roberto Brólio.

Diretor esportivo, Luís Pavésio.

Departamento Científico — presidente, Manuel Munhoz; secret. geral, Soharriff Kurban; secretário, José Leite Fernandes.

Fato digno de nota e que deve ser aqui destacado, é o de haver sido constituído uma nova diretoria, com elementos e nomes, extraídos de todas as chapas que disputaram as eleições.

Fato que, vem comprovar duas preciosas afirmações nossas:

— que a atual diretoria, reunindo os nomes de todas as chapas, deve contar com o apoio e a solidariedade de todos os colegas;

— que a apuração das eleições de 46, constou a existência de um apurado espírito democrático em nossas fileiras.

Encerrando o dia máximo do "C. A. O. C.", foi realizada a tradicional "Chopada da Vitória", no "Franciscano", com a presença de todos os candidatos e de elevado número de colegas.

Foi a festa de confraternização, em que todos se comprometeram a prosseguir, lutando sempre com amor e dedicação, com maior entusiasmo e carinho, interesse e abnegação pelo nosso querido "C.A.O.C."

Falaram durante a "chopada", os representantes da diretoria eleita, os colegas da diretoria atual, os alunos e ex-alunos da Escola, todos ressaltando uníssonamente, a necessidade imperiosa, de que os alunos devem chegar-se cada vez mais e mais, ao Centro, reforçando suas fileiras em torno dos ideais comuns, atualizando os Estatutos do Centro, prestigiando e colaborando, auxiliar a nova diretoria recém eleita, na tarefa de conduzir os destinos do órgão máximo dos alunos da "F.M.U.S.P."

Erroneamente, se desenvolve a idéia, de que as responsabilidades e os encargos, que não são poucos, devem recair sobre os ombros dos diretores do Centro, achando-se os demais colegas desobrigados de quaisquer compromissos; não e não, trata-se de organismo social e acentuadamente democrático que ele é, exige a participação de todos em suas iniciativas, senão ao menos, quanto ao dever de fiscalização.

## As nossas colegas enfermeiras...

Sob o título acima, um nosso colega escreveu um artigo que reputo profundo e o inseriu no último número de "O Bisturi" E' do conhecimento de todos e do próprio autor a grande relevância provocada nos meios interessados pelas idéias aí contidas. Uma destas idéias é que nos trouxe à baila para comentarmos alguma coisa.

Nas últimas linhas desse artigo profundo deplora o articulista uma "situação de mesquinhez para os médicos e estudantes do Hospital e o que mais impressiona, reputa como responsáveis pela mesma as "zinbas" ou melhor dizendo as "jovens" da Escola de Enfermagem.

Jovem e ainda feliz estudante João Bobo, eis o ponto onde discordamos "profundamente". Em tempos idos, quando aqui penetrávamos, às vezes mesmo sorrateiramente, de fato, havia uma situação de hostilidade a médicos e estudantes; e, de início, também alguns de nós pensaram em culpar as jovens alunas. Porém, uma observação acurada durante a luta empreendida nos mostraram logo as verdadeiras fontes de uma já "saudosas pretensas mesquinhez" (saudosas para as pessoas paralíticas gerais que a quiseram desfrutar). Não concordamos, pois, com o mau humor e pessimismo exagerados do amigo.

E já que estamos aqui analisemos mais alguns tópicos do mesmo artigo.

Os "apartamentos" aí citados não passam de enfermarias, abrigando cada uma uma, três, quatro, cinco e até mais moças e desprovidas praticamente de móveis. (Estas conclusões são tiradas pela observação da residência dos médicos estagiários que também está instalada em enfermarias e estas não se parecem com "apartamentos").

Caro amigo, a causa de certos Serviços da Faculdade ainda não se terem mudado para o H.C., reside, dizem os entendidos, em motivos vários, tais como, falta de verba, falta de funcionários burocráticos e de funcionários técnicos (enfermeiras, etc...). E não há razão para atropelamentos, dizemos nós: quando tais obstáculos tiverem sido superados as meninas já se terão mudado e nada atrapalharão.

Quanto aos "casinos" aí referidos, não passam eles de uma sala do 5.º andar onde há uma mesa de ping-pong, uma rádio-vitrola e algumas cadeiras para a "saporaria". Aí fazem elas, após o jantar, uma necessária higiene mental", refazendo-se das fadigas de uma aula de anatomia ou dos trabalhos de enfermaria

Quanto à empáfia com que algumas das meninas pronunciam o "Nos somos universitárias da Escola de Enfermagem", estamos de acordo. Pois, embora sejam elas assim consideradas, os nossos ouvidos ainda não se acostumaram em ouvir tal coisa, sobretudo quando para isso é usado um tom parlamentar.

Nosso intuito foi apenas esclarecer sobre os motivos incriminados pelo atraso da vinda de certas Clínicas para o Hospital e também protestar contra uma "pretensa situação de mesquinhez" que não mais existe, para sossego dos estudantes e médicos e para tristeza de quem pensou estar "por cima" (e que não eram as alunas...).

No mais, apreciamos a oportunidade da reportagem, influenciada embora que estivesse pela "topografia" difícil do articulista. E, para terminar queremos declarar a nossa solidariedade, em grande parte, pela consideração feliz aí contida — "oito anos de xaropada".

EMÍLIO FONTANA

K. K.



## EM MEMÓRIA DE NORMA BARROS DA SILVEIRA

No dia 19 de outubro passado o Departamento Feminino do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", traduzindo o sentimento de todos os colegas da Faculdade, comemorou o primeiro aniversário da morte de Norma Barros da Silveira.

As 8.30 horas daquele dia, na capela do Hospital das Clínicas, foi realizada uma missa a que estiveram presentes o sr. Antonio da Silveira, pai de Norma, outras pessoas da família da nossa ex-colega, além de professores e grande número de estudantes.

A seguir, na sala-biblioteca do Departamento Feminino, foi inaugurada uma placa de bronze com os dizeres:

NORMA BARROS DA SILVEIRA  
19/7/24 19/10/45

Homenagem  
póstuma de suas colegas

1946

Nesse ato, após as palavras iniciais da presidente do Dep. Feminino, Cléo Galvão Santana, o colega Alvaro da Cunha Bastos, expressando o pensamento dos estudantes, disse o que abaixo transcrevemos:

"Neste momento a nossa memória se volta para aquela tarde em que, entusiasmados e confiantes, cumpriamos os nossos deveres de moços;

em que, irmanados pelos mesmos pensamentos, lutávamos com energia, para vencer os obstáculos que a vida é pródiga em nos oferecer;

em que a chama do ideal iluminava os nossos espíritos de jovens, cheios de esperanças e de nobres intenções.

Foi então que um golpe nos atingiu — rude, cruel, implacável, ferindo-nos profundamente no âmago de nossos corações.

Nosso entusiasmo se transformou, abruptamente, na frieza do desânimo; nossa energia se fez lassidão pela tristeza;

a chama do nosso ideal oscilou, batida pelo sopro do desêspeto e da incompreensão.

Então as nossas almas feridas se espelhavam nos nossos rostos quase desfigurados; mostravam-se nas lágrimas que brotavam dos nossos olhos; traduziam-se por duas palavras que saíam de nossas bocas: laconicas, frias, a martelar, mais ainda, os nossos corações já esfacelados pela dor — Norma morreu.

Quisemos procurar as causas da tragédia e nosso raciocínio, como um mar revolto, batido pela sanha voraz do vendaval, debalde se pegava em tôdas as suposições possíveis que eram afastadas de pronto, porque as formulávamos nós que somos pequenos ante a imensidão da vida e incapazes de decifrar o enigma da morte.

Hoje quando nos reunimos, um ano após esse dia triste, quando já o tempo se encarregou de moderar as nossas primeiras emoções, não mais perguntamos: por que?

Hoje a consciência nos diz que as causas não poderão chegar ao nosso conhecimento; que elas são o segredo da suprema razão de tudo que existe: que elas pertencem somente a Deus.

Agora é o momento de meditação.

E nós meditamos, Norma, sobre tudo que você foi, sobre tudo que você fez.

Jamais por nós será esquecido seu exemplo de moça idealista e valorosa que sacrificou as comodidades da vida em seu próprio lar e deixou o capinho extremo de seu pai, pelo ideal sublime da carreira que seguiu. Sua conduta como colega e amiga cheia de lealdade e dedicação, será para nós eterno paradigma.

Agora, também, é o momento de promessa.

E nós lhe prometemos, Norma, por tudo que você foi, por tudo que você fez.

Prometemos continuar a luta pelo Bem e pela Verdade, como você sempre lutou;

prometemos ser leais para com todos os que nos cercam, em nome da dignidade, como você sempre o foi;

prometemos, em nossas atitudes, estar sempre apoiadas na Razão para dar exemplos de coragem, como você sempre nos deu.

Assim, Norma, temos a certeza de que honraremos a sua memória.

E você viverá sempre em nossos corações.

Encerrando a sessão falou o dr. Joaquim Lacaz de Moraes, assistente da Faculdade, que, com belas palavras, disse representar naquele ato os professores da Faculdade de Medicina, que compartilhavam do sentimento dos estudantes pela morte de Norma Barros da Silveira e também louvavam a amizade e solidariedade demonstradas naquela homenagem póstuma.



Dr. ORIA, um exemplo  
para muitos professores

## "O H. C. é nosso"

De quem?

Esta expressão, talvez mais usada já que a tão deturpada palavra "democracia", novamente tinge as páginas deste jornal, ressuscitada que foi pelas considerações feitas em torno de um assunto ainda não bem assentado em vista da viscosidade cerebral de certos personagens.

Quando se discutem problemas relativos ao Hospital, conversa vai, conversa vem, agitam-se os ânimos e na hora das definições surge alguém com a conclusão própria de uma mentalidade superficial e parcial e sopra o dogma seguinte:

— "Os senhores fiquem sabendo que o Hospital funciona bem (sic) por causa das enfermeiras (referindo-se às chefes?!). Sem elas isto iria por água abaixo (sic). Os médicos (dirigindo-se mais aos estagiários, é claro) são perfeitamente dispensáveis..."

Cita-se também um personagem que, no ano passado, por ocasião da greve total dos alunos, em entrevista ao "Diário da Noite", declarou:

— "No H.C. a falta dos alunos nas enfermarias não prejudica o tratamento dos doentes que é feito então pelos médicos. Na Santa Casa já não se pode dizer a mesma coisa..."

Eis aí o que se pensa e diz. E, vendo as coisas como eles vêem, há razão. Sim! Se o Hospital foi feito para receber o doente na porta, jogá-lo num leito, tratá-lo bem ou mal e mandá-lo para casa ou para o prof. Cunha Mota, então são dispensáveis alunos e médicos. Porém, seriam indispensáveis, por exemplo os ascensoristas. Sem estes, o Hospital não funciona, está claro.

Perguntámos nós, porém:

— "Por que a Rockfeller e os cofres públicos dispenderam milhões de cruzeiros para construir e manter a Faculdade e o Hospital?"

E acrescentamos:

— "Somente para que dois prédios fossem construídos para comportarem elevadores e os ascensoristas trabalharem, ou para que servisse de campo

de aprendizado aos estudantes e de aperfeiçoamento aos médicos e mesmo professores?"

As finalidades do Hospital são duas principais: dar assistência médica ao doente e proporcionar meios de instrução na arte de curar. Reconhecemos que esta última é complexa e árdua e por tal razão justificamos o esquecimento propositado em que ela cá.

K. K.

### FRASES CÉLEBRES DO H. C.

"Sangue é manga de colete" — (Dr. Mellone).

— "Apendicite em poeta é espeto" — (Laerte Ferrão).

— "Esquiar nas geleiras do Chile é bom, mas não é muito factível" — (Vasconça).

— "Adorei o Congresso de Cirurgia em Buenos Aires. Agora prometo que o Centro Cirúrgico funcionará bem". (Dona Alvinha).

— "Eu papo, tú olhas e êle ajuda". — (Dr. Dino).

— "O Vasconça escapou pela minha fossa iliaca direita, driblou o ceco e marcou mais um tento" — (Tranchesi).

— "Por que a 3.a Clínica Cirúrgica não tem função didática?" — (Um aluno).

— "Vender livros aqui dentro é mais elegante, mais cômodo e mais rendoso" — (Lofiego e Sócios).

— "A "apendicite epidêmica" das alunas de Enfermagem acaba de contagiar os alunos da Faculdade" — (Caricchio).

K. K.

## Resolva esta!

Sob o título acima o "Bisturi" de julho último, publicou um problema, oferecendo a quem apresentasse a solução certa, como premio, um livro da coleção Nobel.

Infelizmente pouquíssimos colegas se interessaram por concorrer ao dito premio, apresentando uma resposta ao interessante "quebra-cabeça". Dentre as soluções que nos foram apresentadas, tivemos o prazer de constatar, como certa a que nos foi enviada pelo dr. José de Almeida, assistente de Microbiologia que, desse modo, fez jus ao premio estabelecido.

O "Bisturi" ao apresentar hoje a resposta do problema, em questão, cumprimenta o nosso prezado amigo dr. José de Almeida e agradece a atenção dispensada aquela nossa publicação.

Pelo dado n. 4 do problema sabe-se que o vizinho mais próximo do con-

ductor ganha exatamente três vezes mais do que este. Ora, esse vizinho não pode ser M. Jones que ganha Cr\$ 37.000,00, quantia que não é exatamente divisível por 3, nem é M. Robinson que mora em Leeds, pois, o condutor, morando a meio caminho de Leeds e Scheffield, não tem em nenhum desses vizinhos um mais próximo. Logo o dito vizinho mais próximo do condutor é Mr. Schmidt. Então, se Mr. Robinson mora em Leeds e Mr. Schmidt é o visinho mais próximo do condutor, conclue-se que Mr. Jones mora em Scheffield.

Agora, pelo dado n. 5, sabe-se que o condutor é Jones, e, pelo dado n. 6, que Smidt pode ganhar do foguista no bilhar.

Ora: se o condutor é Jones e Smidt não é o foguista, evidentemente Schmidt é o maquinista.

Resposta o nome do maquinista é Schmidt.



# O «bota-fora» dos doutorandos do ano passado

Agora que se aproxima o despejo de mais uma manada de médicos da Faculdade, lembramos com saudade do nosso bota-fóra.

Em novembro do ano passado, as paredes austeras da Faculdade de Medicina foram abaladas pelas explosões de entusiasmo da turma de 45, que saía... Tal saída foi ruidosamente marcada, aproveitando-se mesmo, alguns para expelirem algo que lhes fluía na epiglote desde o tempo de estudante (!).

As solenidades se iniciaram às onze da manhã com uma saudação ao prof. Tolosa, paraninfo da turma e que acabava de presidir o último exame escrito dos néo-médicos. No pátio interno, defronte à sala em que os futuros doutores acabavam de ser martirizados pela última vez, uma “banda musical” integrada por dez figuras, executou algumas peças triunfais e uma salva de morteiros levou aos céus a boa nova, isto é, a conclusão do curso.

Seguiu-se uma passeata pelos jardins, tendo à frente a “Sinfônica Improvizada” e integrada pelo paraninfo, pelos futuros médicos, alunos e funcionários que ali acorreram. E assim todos disseram um “adeus” ao Arnaldo que ali permanecia impávido...

O desfile terminou nos Jardins do Lago onde se queimaram rojões luminosos, e um matraquear ensurdecedor das baterias amarradas às árvores do dr. Faria levava aos quatro cantos a notícia de que mais uma turma de facultativos era lançada à praça, ponderando de sobreaviso assim o pobre povo!!

Eis então que alguém sugere a idéia de uma volta por dentro da Faculdade. E então, aquelas escadas e corredores, antes percorridos com tristeza e cansaço, eram agora galgados com alegria e ao som de “O teu cabelo não nega mulata”, hino oficial, em substituição à “Valsa do Adeus”. Alguns derramaram a sua bile, armazenada em algum momento da sua vida de estudante, soltando morteiros em alguns corredores de professores (tais como nos da Patológica).

Porém, mesmo já com os dois pés p’ra fóra, a rapaziada não ficou sossegada. Assim é que numa das escadas, um funcionário do dr. Faria quis impedir o “meeting” ao que o chefe da Banda”, muito sabido, retrucou, dizendo que estava ali contratado pelos moços p’ra tocar e que, portanto não obedeceria a mais ninguém, (“Bravos, maestro!). Além dêsse incidente, consta que o dr. Faria, secretariando uma reunião de algum Orgão da Faculdade, ao ter os tímpanos atingidos pelos maviosos sons da “furiosa” quis dar o seu clássico e sempre prematuro “Não pôde”. Parece, porém que

os professores ali reunidos não concordaram com o sr. secretário, evitando-se assim que os “busca-pés” fossem desviados dos seus destinos.

As solenidades não deixaram de ter, porém o seu caráter de exteriorização do pensamento dos jovens com relação àquilo que sentiam como gratidão, como amizade e como condenação. Tais sentimentos foram expostos em uma série de cartazes, cujos dizeres foram os seguintes:

Oe doutorando de 45 saúdam o C.A.O.C. e felicitam a sua Diretoria para 1946.

Ao Cunha Mota, com todo o amor, a Mãe da onça.

A Turma “Penicilina” exclama: NÓS QUEREMOS... não morrer de fome. (Dá-se consulta a troço de banana. Aceitam-se passes e pontas de cigarros).

Saudade da Santa Casa do Hospital das Clínicas

Ao P. Cintra. Nós saímos mas o senhor sai também. Felizes os que ficam.

Para orador, vote em Barlach (o Paganini do Bom Retiro)

E agora... Se vier mesmo um doente?!? ... “anamnese...”?!? “exame físico”?!? que horror???

Os doutorandos de 45 são GRATOS aos Bons Professores e dizem “ADEUS ao OUTROS (que são muitos).

Homenagem dos doutorandos ao DR. FARIA

Salve “Canton” ataca... os tímpanos... na mesa é que eu quero ver... pilhá sapa...

Os doutorandos de 45 se congratulam com o seu paraninfo TOLOSA,

“Aceita-se qualquer emprego” Procurar “médico de 45” defronte “Diário Popular”

Nota: — Não interessam os bicos de Diretor e Secretário da Faculdade.

Ao Dom Caricchio. — O homem que não teve infância.

Os médicos de 45 esperam PENDURA do Luiz do Bar e do Lucas, Anistia para as DÍVIDAS e do Jahoo esperam passes.

Os doutorandos de 45 agradecem a todos os Funcionários da Faculdade, da Santa Casa, do Instituto Oscar Freire, do Instituto de Higiene, do Isolamento da Assistência aos Psicopatas e do Hospital das Clínicas.

...passaram pela curva da Estrada de Ferro, entraram na reta final, estão no disco...” Movimento de Poules: Nevia ... 93 Di Dia ... 1 (ele próprio).

▲OS Foca, Ovídio, Calazans, Soares (bedel), Araujo do Ovídio (outro bedel), Flavio da Ortopedia (3º bedel), Zé Mulata, Xilór, Mauro da Parasito e Enéas... (uma banana).

Aos estudantes que ficam... “Os seus dias chegarão” dos estudantes que vão...



IMPRESSÕES DE UMA AULA DE PROJEÇÃO DE “EMBRRIOLOGIA”

Quando certas vezes nós nos defrontamos com a realidade hipócrita, com a realidade mesquinha, e não com a que idealisticamente havíamos imaginado, então, tudo se transforma em caos, tudo e o nada chegam a nos fazer duvidar.

Certos atos, nos impressionam às vezes tão mal, nos ofendem em nossos ideais tão intimamente, que poderíamos mesmo tornar-nos cépticos, tornando-nos materialistas no que este tem de mais mesquinho, mais covarde, no desenvolvimento unitalateral do Eu, na faceta mais indesejável de uma vida, no que nos torna indignos de sermos humanos.

Como poderíamos entender ações de alguns entes que se intitulam nossos mestres, que tomam grandes ares em belas reuniões, mas no íntimo são decadentes?

Como é de se esperar que nós nos mantenhamos altos, quando vemos nos-

sois ídolos irresponsavelmente descambarem para o lodo, embrenharem-se no que já é baixo por si, pelo despudor constante e inquieto que os vence?

E uma completa transmissão de falta de caráter, de perda de valores, de mesquinhez irrestrita e abrupta, e que leva os homens hoje, e amanhã mais do que nunca, à perda de suas próprias capacidades, de sua dignidade.

O sacrifício mais belo que se faria seria precisamente aquele de nos considerarmos mais, quando toda a sociedade nos fosse contrária. Adviria-nos disto um poder interior, que seria capaz de vencer as maiores barreiras, de quebrar os mais ítimos laços para a completa libertação de nossa mente,

para maior esplendor de nosso espírito. E no entretanto, nem sempre é isto que acontece nesta nossa sociedade amolecida, nesta nossa época cheia de egoísmo, de pensamentos únicos para o próprio poder, e não para o todo, para satisfação pessoal e não a felicidade dos homens.

Jorge Americano, Reitor da Universidade de S. Paulo, concordando com um ofício, dirigido contra a Congregação da Escola Politécnica, por motivos já sabidos, poderá ter agido certo, de acordo com estatutos, mas nunca em relação com a liberdade inerente aos homens de criticarem, de não se submeterem à deliberação pessoais ou de grupo, que ofendam suas pró-

prias dignidade, que vão contra seus ideais.

Quanto tempo de nossa vida universitária, perdida em uma greve completamente desnecessária, em uma greve que nós levados pela boa fé admitimos, para nos aliarmos a algumas pessoas que se consideraram ofendidas, mas que direta ou indiretamente eram os próprios ofensores.

Poderemos nós elevarmos nossa mente para a humanidade, antes de vencermos o sentido pessoal?

Porem consideraremos. Nem tudo está perdido. Talvez nós sejamos vencidos, talvez o lodo nos sobrepuje, mas, elevemos nossas forças, mais que tudo nosso espírito, para um completo domínio, para uma única meta, que é a vida digna, a vida realidade idealista, a beleza concebida materialmente, e tudo no humanitário, o nada no indivíduo.

Romeu Cianciarulo.

## Uma greve